

COMBUSTÍVEIS ALTERNATIVOS

HUMBERTO EUSTÁQUIO SOARES MARTINS*

Desembargador do Tribunal de Justiça de Alagoas

Todos os indicadores técnicos e econômicos sugerem que a produção de álcool, principalmente à base de cana, será, por muito tempo, atividade crescente no Brasil. Disponibilidade de terras, clima favorável, mão de obra barata, fatores ambientais positivos, controle e evolução tecnológicos e importância de se produzir combustível que não dependa da instabilidade do fornecimento externo de petróleo lastreiam essa tendência.

É verdade que existem, no presente e no futuro, alguns obstáculos, no terreno tecnológico e econômico, que precisam ser considerados.

Na área econômica, o aumento, em curto prazo, em todo comércio mundial, da demanda de álcool e açúcar, encarece internamente o preço do chamado combustível verde para níveis acima da possibilidade do consumidor, fazendo da gasolina produzida entre fronteiras uma opção mais rentável.

Ainda na área econômica, a tributação dos carburantes, muito acima da média nas demais nações, trava uma comercialização mais ampla e embaraça os esforços para tornar o preço do álcool mais acessível.

Em matéria de tecnologia, as nações ultra desenvolvidas, entre as quais o Japão, começam a testar outros tipos de combustível.. Mas são opções que ainda estão distantes das linhas de montagem dos fabricantes de veículos, além dos custos serem considerados demasiadamente elevados.

O fato é que a opção brasileira pelos combustíveis alternativos, principalmente o álcool, desencadeada no início da década de 70 do século passado, há portanto 35 anos vai de vento em popa, não devendo deixar de se mencionar o bio-diesel, que dá agora seus primeiros passos.

Ao contrário do que acontecia na primeira metade do século passado, quando o plantio da cana era feito, predominantemente, no Nordeste, o crescimento vertiginoso acontece agora no Sudeste.

Produzindo já 60% do açúcar e do álcool brasileiros, o Estado de São Paulo deverá ter 89 novas usinas de cana-de-açúcar até 2010, segundo informações da Secretaria de Agricultura paulista. A ampliação da área plantada de cana ocorrerá nas regiões Oeste e Noroeste, pois nos municípios de Ribeirão Preto e adjacente já existe uma saturação.

As chances do Nordeste e Norte voltarem a crescer, de maneira a poderem competir, novamente, com São Paulo, residem na probabilidade acentuada do preço da terra elevar-se naquele Estado.

Em todo o Brasil, 440 milhões de toneladas de cana-de-açúcar devem ser colhidas na atual safra, 250 milhões em São Paulo.

Até agora, os investidores externos não resolveram participar de maneira vigorosa desse filão, ao contrário do que acontece em tantos outros.

A opção pelos combustíveis alternativos é uma realidade em nosso país, alcançando um crescimento vertiginoso.

Humberto Martins.